



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

27 de Dezembro de 2003 • Ano LX • N.º 1560
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

A Ordem dos Advogados premeia a Obra da Rua

NO Porto, em Sessão Comemorativa do 55.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos do Homem, o Bastonário e Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados, distinguiu a Obra da Rua com o prémio Bastonário Ângelo de Almeida Ribeiro.

O seu valor material, de três mil euros, é uma sombra do significado excelente atribuído por tão prestigiada Instituição da Sociedade portuguesa.

Sentimos neste gesto a mão de Deus a advogar-nos na entrega total pelos Direitos da Criança Abandonada e das Casas do Gaiato, como família dela.

Padre Acílio

HOJE lembrei-me de contar algumas histórias ao Menino Jesus, porque só Ele pode compreender o que nós não conseguimos entender. Trata-se da forma como tanta gente mexe em assuntos tão delicados como a protecção das crianças e jovens. Mexem sobretudo depois de estas crianças estarem protegidas e, por isso mesmo, não estarem sob a alçada da lei de protecção de crianças e jovens em risco.

Primeira: Tenho aqui um miúdo, há já quatro anos, sem que a mãe tenha alguma vez aparecido. Havia já quatro, antes de vir para a nossa Casa, enquanto o miúdo vivia com os avós, que também não apareciam. Como se diz hoje e manda a lei, foi feita uma «conferência». A mãe, nos dias antes, foi só telefonemas ao meio-dia e à

ENCONTROS EM LISBOA

Histórias ao Menino Jesus

noite, chegando a ralhar comigo porque não sabia que o filho estava na Casa do Gaiato! No dia da dita conferência, parecia a mãe mais preocupada do mundo. Passou a conferência e passados uns tempos, nem telefonemas nem mais nada. Resultado: O miúdo com todas estas perturbações perdeu o ano escolar e, mais uma vez, tivemos que ajudá-lo a ultrapassar psicologicamente esta segunda orfandade, difícil porque incompreensível, depois de já termos curada a

primeira e preparado as forças anímicas para enfrentar o futuro. Foram mais algumas marcas amargas na sua vida, infligidas gratuitamente e servidas de forma desumana. O Tribunal ficou contente, com toda a legislação cumprida e assinada, encerrando o assunto para ir descansar tranquilo. Nós ficámos perplexos diante de tanta desumanidade ao serviço da protecção da criança.

Segunda: Resultado de um drama familiar, encontramos dois meninos que assistiram ao assassinato da mãe, realizado pelo próprio pai. Estão connosco há ano e meio. Estranhamente, o Tribunal de Menores escreve-me um officio perguntando se a mãe vem visitar

os menores e qual a sua morada. Eis como os Protectores conseguem ser macabros nas suas investigações. Possivelmente queriam também realizar a dita conferência. Graças a Deus que os miúdos desconhecem esta super-protecção. Isto de lidar com papéis faz esquecer que as crianças são de carne e osso, capazes de pensar e amar.

Terceira: A pedido da Comissão de Protecção de Crianças e Jovens recebemos, em nossa Casa, um menino que aqui completou os cinco anos. Como costumamos dizer, ele vinha eléctrico, hiperactivo. Falava, falava e pouco escutava, necessitando de debitar toda a linguagem

Continua na página 4

CALVÁRIO

O Pepe

SENTO-ME ao lado do Pepe que se encontra quase imóvel na cadeira de rodas. Pego na tigela com a papa para o servir. Peço-lhe que abra a boca, mas ele não consegue. Sorri. Toco-lhe nos dentes com a colher e a comida entra na boca meio

aberta. O ritmo da refeição é muito lento.

Esta criança nasceu com esclerose cerebral que a inibe física e mentalmente. Carece de todos os cuidados básicos. Foi-me entregue pelo Tribunal de Menores, já lá vão seis anos.

O pai morreu nos Estados Unidos com uma overdose. A mãe ambiciona tê-lo consigo para obter uma indemnização pela morte do marido. Por razões que não conhecemos a criança foi registada em duas Conservatórias e tem um outro irmão com o mesmo

nome. Isto não foi certamente por acaso.

Por conselho de psicólogo o Tribunal autorizou visitas ao menor. E a mãe veio vê-lo alguma vez, até que, pela tardinha, esfaqueando a face da pessoa que se lhe opôs, levou o filho consigo. Informámos o Tribunal e o menor regressou.

Impedida durante dois anos de visitar o menor, por sugestão do médico, alegando que ela estava compensada, a mãe voltou a visitar o filho. À segunda visita, leva-o novamente, mas agora

para os Estados Unidos. Aí tentou a suspirada indemnização que não obteve. Desolada, pediu ao Consulado local para lhe colocarem o filho de novo em nossa Casa. Acompanhado por duas enfermeiras, o Pepe regressou ao Calvário onde está feliz e sereno, até quando, não sabemos.

São destes os filhos que Deus me vai dando, alguns com enormes problemas e sofrimento.

Tenho de esperar que o Pepe se recomponha, pois quase se engasgou com a papa. A dificuldade em engolir é muita quando algo de mais sólido vai na colher. E a tigela ainda vai a meio.

Está diante de mim um ser totalmente dependente que sem palavras pede ajuda e paciência.

O Pepe tem-me feito pensar na Encarnação de Cris-

Continua na página 3

Continua na página 3

Busto de Pai Américo no Sá da Bandeira

VISITOU-NOS estes dias um velho Amigo e Assinante d'O GAIATO, mas, com certeza, leitor distraído, pois que, apesar dos vários alertas que nele têm saído sobre o tema em epígrafe, só agora se deu conta de quão desajustada é, hoje, tal presença ali e do estado de derrocada do mealheiro anexo, tão à mão de quem quiser lançar algo como de quem quiser tirar.

Reformado que é de uma profissão em que fazer contas era o seu officio, trazia os assentos do que deixou no mealheiro nos últimos anos e ficou espumante de indignação ao saber de como o seu intento foi mal logrado.

Esta visita torna oportuna, mesmo necessária, mais uma chamada de atenção do Povo do Porto para que não ponha ali seja o que for com destino a qualquer das actividades da Obra da Rua. Na cidade, depois do «Depósito» que foi o Espelho da Moda, desde 1943 até ao último momento da sua existência, só a CASA DINA, na Rua da Conceição, 100, ou na dos Mártires da Liberdade, 35, tem representação para receber e dar quitação de quanto lá for entregue para a Obra. Esperamos que o recado seja lido e divulgado e tomado em conta!

Padre Acílio

O nosso Natal

ESTE tempo natalício é adequado ao momento vivido nas Casas do Gaiato do País. O Menino Jesus vai ser um dos nossos, dos mais pequeninos.

Não utilizamos esculturas saídas da arte ou da poesia. Servimo-nos, sim, da imagem Viva de Deus num menino dos nossos. Ele, encarna a suspeita caluniosa e injusta que caiu sobre as Casas do Gaiato, como a protecção hipócrita que Herodes lhe quis prestar.

Deitado nas palhinhas da desconfiança, o nosso Menino é acarinhado pelo Povo simples como nunca: — Em romarias infundáveis, em cartas de partilha, comunhão e revolta que muito nos conforta e que os jornais d'O GAIATO não comportariam o ano todo.

A estes desafios não respondemos com argumentação teórica, mas antes com firmeza de vida.

A pobreza do Menino é a nossa. Somos pobres. Gostamos do nome.

Imensa legião deles tem batido à nossa porta de tal forma que mais não fazemos senão distribuir bens. Alimentos, roupas de vestir e de cama, rendas de casa, tantas! Água e luz de três e quatro meses e, até em alguns casos, o próprio telefone.

Tem sido um rio a desaguar dificuldades e amarguras nas Casas do Gaiato.

Normalmente, pergunto-lhes porque não se dirigem à Segurança Social. É ela que deveria responder.

— Já lá fomos — não nos deram nada.

É a resposta certa.

Tem-me acontecido saber, até, que certos vêm aqui a conselho de alguma assistente social: — Vá à Casa do Gaiato.

É o Menino Jesus disponível a sofrer e a dar.

É o nosso Natal.

PRATICANDO O BEM

Registo

ENTRE as famílias visitadas com as Criaditas dos Pobres sobressaem duas de maior registo.

A primeira, ultimava as arrumações para sair de casa. Paga 30 contos de renda e o senhorio, tendo quem lhe desse mais, andava a pressioná-la. Ela, nem isso era capaz.

O marido foi experimentar a mota nova de um amigo, no dia em que ele a comprara, ainda sem seguro, contra a vontade do dono, montou e foi provar a velocidade.

Estatelou-se por uma ribanceira estragando o veículo completamente.

O arranjo custou 1350 contos. Estavam a pagar 30 por mês, durante 45 meses.

Desempregado, recebia subsídio do Fundo de Desemprego.

Atribulado arranhou biscates e foi fazê-los. Descoberto tudo lhe foi cortado, ficando, ainda, com uma dívida à Segurança Social, de 1700 euros.

Com uma criança a sofrer de doença respiratória, este casal encontrava-se num beco sem saída. Foram ter com as Criaditas dos Pobres, a pedir socorro sob esta terrível opressão.

Sim, as Criaditas repartem com os Pobres a sua pensão social e as migalhas que as almas santas lhe põem à porta!... Mas, diante da grandeza destes números, toda a gente se assusta!...

Quem deveria ajudar a resolver estas desgraças, não o faz, a verba é comida pelas técnicas.

Nada sobra, para semelhantes emergências!...

Outra família, esta com nove filhos. Estava a mãe e os pequeninos, que os outros tinham ido para a Escola.

Senhora alta, forte, dir-se-ia um gigante de mulher.

O marido é pedreiro. Pobre e mãe de família tão numerosa, recebia o rendimento mínimo.

Quando tinha sete filhos, as técnicas pressionaram-na a fazer o laquiamento das trompas sob a ameaça de lhe cortarem o abono legal!

Que se aconselhe... Que se oriente... Que se ampare!... — Muito bem. Agora, que se obrigue sob ameaça de... — É violar todos os direitos da pessoa humana.

Ainda se fosse uma família instável! Ou uma mulher de todos e abandonada por todos, com filhos ao deus-dará?! Uma desequilibrada ou doente? — Mas, uma família sólida, de magnífico apego efectivo entre si, onde os pais gozam de toda a dignidade?!... — só porque são Pobres?!...

Busto de Pai Américo no Sá da Bandeira

Continuação da página 1

Mas mais do que a possibilidade do desvio do mealheiro — isso é facto consumado — nos magoa ver, na entrada de uma sala de máquinas de jogo onde tantos jovens se dissipam, uma memória de quem, grande Defensor da Juventude em risco de escorregar em «casas de banana» que a sociedade lhe põe, não quereria encontrar ali os filhos — do que ninguém terá dúvidas. Como o tempo transformou a intenção homenageante de dois grandes Amigos, Rocha Brito e Luís Vigoço, numa ironia de mau gosto!

Várias vezes tentámos tirar dali o busto, mesmo comprando-o. Agora, não sabemos a quem pertence o Sá da Bandeira. Mas esta visita será também oportunidade para mais uma diligência.

Padre Carlos

tam de partilhar com eles, a mesma alegria de viver e de estar no mundo do desporto.

É justo aqui salientar que o Lupicínio também tudo tem feito em prol do Grupo e, com certeza, continuará a fazer para que o mútuo entendimento entre todos os elementos, seja o melhor.

Já uma vez aqui foi dito que o tempo e o espaço dão para tudo e para todos. O que é preciso é compreensão, bom senso e, sobretudo, olhar para as coisas sem usar óculos escuros, como dizia o nosso Padre Baptista no seu artigo, na última edição d'O GAIATO. Seria bom que todos o lessem, meditassem e tirassem, de uma vez por todas, os tais óculos escuros, às vezes invisíveis.

Conclusão: desejo e espero que este novo ciclo, que agora começa, seja no mínimo igual ou parecido àquele que acabamos de referir.

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

«O que os olhos não vêem, o coração não sente» — diz o Poeta. Não sei se todos viram e sentiram o apelo aqui gravado nas últimas edições d'O GAIATO. Não sei! As reacções é que não são as que esperávamos.

Ao assumirmos a responsabilidade de pertencer ao corpo

que direcciona o destino da Associação, fizemo-lo (penso que todo o grupo eleito) com a comum ideia de que ela era uma realidade. Nascida pela necessidade de se encontrarem velhas amizades, pelo sentimento fraterno e do convívio familiar, pelo orgulho e prazer de pertencermos à Obra da Rua, pela graça que a Casa do Gaiato foi (é) em nossa vida e, sobretudo, pelos encontros que vamos tendo com um ou outro menos bafejado pela sorte.

Não sei se foi bem assim no princípio, mas a Associação fundamenta, actualmente, a sua razão de ser neste princípio: também «de assistir às dificuldades dos seus membros, estabelecendo um clima fraterno entre todos» e faz seu alicerce na vivência e na experiência que Pai Américo nos transmitiu «da Fé, da Esperança e da Caridade». Fundamentámo-la assim, porque não nos podemos dissociar, em circunstância alguma, da nossa origem — é na nascente que se bebe a água mais pura.

A Associação apresenta-se neste momento pequenina em número. Tem somente 34 sócios actualizados. As listagens que nos chegaram de outras Direcções apresentam-na com quase três centenas.

Que aconteceu no entretanto que tivesse provocado o desencanto nos restantes para que o nosso apelo não surta qualquer efeito?

Passámos um ano em permanente trabalho de pesquisa, lemos e releamos Pai Américo na pretensão de extrair do âmago da sua doutrina o teor dos nossos Estatutos e Regula-

mento Interno. Batalhámos contra a inércia instalada e o esquecimento de que existimos, quer quando mandámos pequenina mensagem de parabéns, pelo aniversário dos sócios, de quem possuímos tal dado, quer pelas linhas que aqui redigimos. Se da primeira desistimos, foi porque a maioria da correspondência nos era devolvida — motivo maior para continuarmos a apelar.

Só poderemos ser se o formos todos. E seremos o que todos desejamos!

Votos de próspero 2004.

Júlio Fernandes

ASSOCIAÇÃO DE ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

Depois de termos lançado n'O GAIATO um apelo para que alguém ou alguns Amigos pudessem ajudar a melhorar a casa e o modo de viver do nosso antigo colega «Palhacito», de seu nome José da Silva Santos, de Cadima — Cantanhede, há cerca de um ano, a que apenas alguém respondeu com um cheque de 50 euros e algumas ofertas de materiais, tomámos contacto com a Câmara daquele concelho expondo o caso, que depois de se inteirar e apreciar, conseguiu incluir em Programa próprio para o efeito, a recuperação do prédio, tomando a seu cargo tudo o que diz respeito à

obra, uma vez que está devidamente aprovada, com projecto, orçamento, etc.

Os materiais necessários serão oferecidos por um Amigo e vizinho que, por sinal, é o Presidente da Junta de Freguesia da localidade em questão, e a quem desde já agradecemos, assim como à Câmara que se interessou pelo nosso pedido.

Esperamos que na altura própria estejamos presentes para a inauguração com as pessoas que nos deram a mão, pois, há dias, tivemos oportunidade de visitar aquele nosso colega e inteirarmo-nos do seu modo de viver. Constatámos que, na verdade, não é possível passarmos ao lado do que vimos, uma vez que tudo naquela casa terá de ser remodelado, até o seu conteúdo, pelo que aceitaremos o que nos queiram oferecer para a sua composição e não é necessário muito, pois «ele» é solteiro e vive só.

Também aproveitamos para informar que, no passado mês de Novembro, faleceu um nosso antigo colega de Coimbra, o Eduardo Moreira da Silva, mais conhecido por «Fofó» que em tempos, mas por poucos anos, esteve em Miranda do Corvo para onde entrou com bastante idade e contava, nesta altura, 72 anos. À sua esposa e restante família os nossos pêsames.

Como estamos em época natalícia, não queremos deixar de endereçar a todos os antigos e actuais gaiatos e suas famílias e a todos os nossos Amigos, os desejos de Boas Festas e um melhor 2004.

Manuel dos Santos Machado

Elas... — a Força e a Defesa dos fracos e oprimidos.

O ambiente cultural dominante imagina que só a riqueza é capaz de fazer gente.

A miséria não faz ninguém, é verdade; mas, a riqueza também faz muitas misérias. Das famílias Pobres nascem os maiores valores.

«Os filhos nunca se deitam sem beijar o pai» — confidenciava, jubilosamente, a esposa.

As Criaditas são criadas como as mães o são em suas casas. Os Pobres sentem-nas como suas mães e confidentes!

Vê-se!... A gente sente-o. Não é preciso pregão.

Assim se anuncia e faz o Reino de Deus!

Padre Acílio

PENSAMENTO

É mais económico prevenir crimes do que suportar criminosos.

PAI AMÉRICO



Um recanto do Calvário.

Calvário

Continuação da página 1

to. Sem o saber vai-me ensinando Teologia. Cristo encarnou a nossa natureza. E eu vejo-O por detrás desta criança. Também Ele quis estar dependente quando foi criança. Entregou-Se aos cuidados de Sua Mãe para nos dizer que somos responsáveis pelos outros, que precisamos uns dos outros. Maria teve-O nos braços, deu-Lhe o peito e ensinou-O a comer. Vestiu-O e abraçou-O. E Ele no silêncio de criança não dava a entender quem era. Mas, Maria sabia quem tinha consigo: Deus feito homem.

O Pepe também espera que dele cuidemos. Esboça palavras e mostra sorrisos. Mas não se impacienta. Vive em enorme paz. Comunica-me a paz de Deus, a entrega de Deus, o amor de Deus. Espera tudo sem dizer nada.

Em Teologia disseram-me que Deus se fez carne. Mas foi com o Pepe que entendi esta verdade. Cristo fez-Se carne mais para receber do que para dar: «Tudo o que fizerdes ao mais pequenino é a Mim que o fazeis».

Deus está tão perto de nós e não damos por Ele! Às vezes fugimos do mundo para nos encontrarmos com Ele, desencarnado. Mas Ele quis encarnar. Ao contemplar o Pepe, sinto-me perto de Deus. Sinto no bater do coração desta criança o coração de Deus que bate, que ama, que nos deseja, que se nos entrega para ver como correspondemos.

Rezar diante de uma criança é tão certo como fazê-lo perante o Altar.

O Pepe veio ao mundo, está entre nós para nos ensinar a viver a paz, a alegria, a confiança em Deus. Ele é um mestre. Ao lado desta criança sentimo-nos mais pequenos do que ele, pois ele está sem dúvida a reflectir o rosto sereno de Deus que nele habita e o possui.

Cristo fez-Se homem para receber aquilo que nos deu — o Seu amor. Ele quer o coração do homem, e não há como uma criança para o conquistar.

Padre Baptista

Notas do Tempo

VIVEMOS numa Sociedade de adultos — não digo adulta! — ocupados por mil afazeres, entre os quais, também, às vezes, o de lançar um olhar proteccionista sobre as crianças. Como se elas não fossem cidadãos de pleno direito, para quem crescer é progredir no conhecimento das suas capacidades; e, pelo exercício delas, ir assumindo paulatinamente os seus deveres. Sim, que o cidadão de pleno direito é sujeito de deveres — que só pelo cumprimento destes, na medida das suas capacidades, se torna digno de direitos. Proteger é uma função inversa das capacidades dos supostos protegidos, que só atinge um valor de plenitude quando as capacidades são nulas. Proteger é uma palavra inflacionada que significa um desperdício enorme de energias no atrito de uma débil consideração da dignidade do homem.

Há muitos, muitos anos, em momento delicioso de conversa com o Dr. Ângelo César, pai, me disse:

— *Sabe como eu conheci o Pai Américo e tive a prova provada da sua paternidade?... Um dia, da janela do meu escritório nos Aliados, vi-o com um grupo de rapazes em desordenada harmonia. Antes de atravessar a rua, ele colocou-se ao lado do mais pequeno, pôs-lhe a mão no ombro e assim atravessaram.*

Que saudades tenho da inteligência com que aquele homem nos amava! Se a inteligência fosse um valor corrente na Sociedade de adultos em que deambulamos, como seria mais fácil o entendimento entre todos os homens e a paz social! E quando falo em inteligência, não penso em tabelas de Q.I. nem em altos níveis de cultura, quais os daquele homem.

O Povo tem-na. É no seio dele que ela se encontra ainda mais corrente, porque brota da simplicidade da alma, de corações humildes, da bondade sincera que torna os homens capazes de acreditar na bondade do Homem. A superior sabedoria do Dr. Ângelo César foi não deixar que os livros ou a posição social lhe roubassem esta transparência de olhar, que é apanágio do Povo.

O célebre grito exultante de Pai Américo «Ai Porto, Porto, quão tarde te conheci!», não tinha em vista a história notável e os encantos da cidade Invicta, mas as suas gentes, que o compreenderam e amaram e lhe permitiram projectar sobre toda a Nação uma Obra que Deus lhe inspirava, livre de encostar-se a protectores poderosos. Que os houve... Quem poderá esquecer o gesto de extraordinária confiança do Engenheiro Duarte Pacheco que é pedra de alicerce em nossa Aldeia de Paço de Sousa?! E depois, sucessores

dele no Ministério das Obras Públicas que mantiveram a porta aberta para o diálogo e colaboração que nos ajudaram a crescer: Tojal, Beire, Setúbal, enfim Angola e Moçambique — tudo a partir da sementinha primeira que foi e é Miranda do Corvo. Nos outros pelouros do Estado também e sempre, abertura e afectuoso respeito.

E do meio do Povo, houve ricos que se apresentaram espontaneamente ou a quem Pai Américo procurou. Quem deu a Capela de Paço de Sousa? E o Hospital? e as Oficinas?... Gente poderosa em meios que não pediu contrapartida! Nem eu próprio me lembro dos seus nomes. Felizes, porque endossada a Deus a sua recompensa!

Protector... — uma palavra feia no sentir de Pai Américo. Quando lhe chamavam assim, ele estremeia de incomodidade. Justiça, prestar justiça! — isso sim. Restituir um bem necessário a quem ficou sem ele com a assistência activa ou passiva da Sociedade. Esse bem indispensável, para Pai Américo, foi a Família. Dar Família, ser Família para os que a perderam ou nunca a tiveram, eis a sua paixão. Viveu e morreu por ela. Valeu a pena.

Também o Poeta lhe dá razão:

«Coração oposto ao mundo...
Como a Família é verdade!»

É verdade, sim! Porque o é, ainda ontem fui chamado a celebrar na morte de uma nora. E de hoje a oito dias, se Deus me der vida, será na nossa Capela o Baptizado de dois bisnetos.

Padre Carlos

SETÚBAL

Uma visita

RECENTEMENTE tivemos connosco dois senhores reverendos anglicanos, que todos os anos nos querem visitar.

Sempre interessados no nosso viver; os nossos sonhos e realizações são sempre ponto indispensável a tratar nestas suas visitas tão cordiais.

O almoço na nossa sala de jantar, à mesa connosco e com os rapazes, é onde se dá início ao encontro. Depois, damos uma volta pela Casa, não se dispensando de ver e saber como nasceram as novidades que vão encontrando.

Desta vez, aquilo que encontraram já acabado e em uso, foram os novos quartos para os mais velhos com uma ligação mais duradoura à nossa Casa. Oito quartos em dois pisos, que resultaram da remodelação de outros já desadequados à sua finalidade, feita ao longo destes dois últimos anos.

Os nossos Amigos quiseram saber quem fez a obra.

— Tudo foi feito pelos rapazes, orientados pelos nossos mestres e nos vários ramos da construção civil: pedreiro, electricista, carpinteiro e serralheiro — disse-lhes.

Às minhas palavras correspondiam com o seu assentimento. A vaidade que assola a mentalidade de hoje, não importunou o seu olhar. É que a obra é muito simples, nos materiais e na apresentação, de uma sobriedade que nos deixa livres para nela vivermos tal como quem vive em sua casa. O mundo só valoriza aquilo que é grandioso, repudiando o que é simples sem aparato nem fachada. A luz que fez brilhar o olhar dos nossos Amigos, foi a nossa riqueza, os nossos rapazes, pois «os filhos são uma bênção do Senhor» como reza o salmista.

Quem não nos conhece e nem sabe do modo de promover os Pobres, é capaz de não nos compreender e apontar-nos o dedo para criticar. É a mentalidade assistencialista a dominar o modo de ajudar os ditos carenciados, como é de bom timbre dizer-se. Os anos passam, mas a mentalidade fica.

A carência de uma família não os torna incapazes de construir a sua vida, pelo estudo e pelo trabalho obra das suas mãos. Nós somos «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Andamos ao contrário do assistencialismo dominante.

Agora andamos a construir o bar e a sala de televisão comum. Para o ano, quando de novo nos visitarem estes nossos Amigos, esperamos que um dos nossos rapazes lhes possa servir lá um café. Terá este um sabor especial, pois eles já meteram há muito mãos à obra. Foi o telhado e o arranjo das paredes e do recinto exterior; é agora a vez dos carpinteiros com o necessário tecto falso, balcão, portas e janelas; depois virão as pinturas e outros acabamentos... Devagar, pois os tempos devidos à escola e à preparação para os outros domínios da vida, não saem prejudicados com estas ocupações, antes potencializados.

Padre Júlio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

de alcova acumulada. Fez progressos rápidos, serenou e encontrou a linguagem da sua idade. Seis meses depois, eis que a dita comissão, na ânsia de mostrar trabalho e, como dizia, «organizar um projecto de vida para esta criança» decreta que a criança fosse confiada a uma prima durante a semana e aos fins-de-semana à mãe. Fiquei impressionado com todo este agir despidoradamente arbitrário e déspota, depois de saberem e terem conhecimento do relatório que enviei, solicitando que não

houvesse precipitações numa decisão. Tira-se, põe-se e volta-se a tirar como se as crianças fossem umas coisas que podemos manejar a nosso belo prazer. Estes projectos de que tanto se fala?!

Quarta: Por solicitação do Tribunal, na pessoa do Sr. Dr. Juiz, recebi um menino de quatro anos, acolhido o melhor possível. Há pouco tempo houve a dita conferência. Decidiu-se que a criança continuaria confiada a Casa do Gaiato por mais um ano. Poucos dias depois, o pai do menino telefona-me em sobressalto porque tinha sido convocado, por tele-

grama, para ir urgentemente à Segurança Social. Foi e foi-lhe dito que ou tomava conta do menino ou então ele seria dado para adoptar, porque a Casa do Gaiato não era lugar para ele. Perante o alarme do pai que me pedia para não «deixar roubar o seu menino» contactei a Segurança Social. Fiquei a saber que estavam a tentar responder a um ofício do Tribunal datado de um mês antes da decisão que o Tribunal proferiu. Mais uma vez, papéis e mais papéis, tudo desencontrado, tudo sem nexos, tudo sem o mínimo de sentido humano.

Oh meu Menino Jesus! Eu tinha feito um pacto comigo mesmo de aguentar tudo isto, em silêncio. Mas, em menos de meio ano, tanta coisa, faz explodir o barril. E ainda não Te contei todas aquelas por que tenho passado. Que fazer? Continuar a silenciar todas estas coisas e deixar que continuem a fazer o que querem sem serem responsabilizados por nada? Chama-se a isto cumprimento da lei de Protecção de Crianças e Jovens? Onde vão parar estas crianças mexidas por tanta gente que não tem amor e que vê apenas papéis para despacho?... Porque Vós fostes criança, dai-me a paz e a serenidade.

Padre Manuel Cristóvão

BENGUELA

Caminho do Natal

QUANDO estas Notas chegarem às vossas mãos, a festa do Natal já foi. Entretanto, estou a escrever-vos a caminho do Natal. Ontem, por exemplo, convidaram-me para uma festa e aceitei. O local? Um dos bairros suburbanos com as pegadas de muitas pessoas refugiadas que regressaram às suas aldeias. Outras estão à espera. Muitas não vão regressar mais.

O motivo da festa era o encerramento do ano escolar da Alfabetização duma centena de mulheres, mães e jovens. O Projecto levado a cabo nasceu da Organização não Governamental «Leigos para o Desenvolvimento», de nacionalidade portuguesa. Três jovens — o Pedro, a Teresa e a Filipa — estiveram na linha da frente, de mãos dadas com as estruturas humanas da Comunidade.

São três voluntários que, depois de concluírem os seus cursos superiores em Portugal, decidiram dar, em amor gratuito, algum tempo (um ano, dois anos ou mais) ao serviço deste Povo. Apetece-me dizer que Angola precisa, em primeiro lugar, do capital humano com todo o vigor e em missão de ajuda desinteressada à sua gente.

É verdade que o dinheiro é necessário para o desenvolvimento. Sem o dinheiro não se pode fazer a reconstrução do País. É, porém, uma verdade ainda maior que Angola, sem as pessoas que amem o seu Povo até dar a vida por ele, não sairá do estado de miséria e pobreza extrema em que se encontra. O dinheiro pode abundar. As chamadas ajudas internacionais podem vir. Contudo, são necessárias as pessoas que levem o dinheiro à raiz dos problemas. A

propósito, escutei, há dias, a voz do Presidente da República, num comício, em Luanda, a dizer que cerca de cem milhões de dólares foram gastos já para resolver o problema do abastecimento de água e poucos resultados estão à vista. Escutei e fiquei a pensar.

Por isso, sinto-me entusiasmado com o serviço destes jovens que, quase sem dinheiro, mas com um amor apaixonado a esta gente, realizam maravilhas que a fazem cantar e dançar de alegria, com o coração agradecido. Estes são acontecimentos ao longo do caminho para o Natal. É tão simples fazer o Povo feliz! Com o Certificado escolar, mais um caderno e um lápis, nasce uma vida nova. Felizes os que ajudam os outros a ser felizes! Esta juventude vai à frente dos mais velhos a semear a semente da Esperança, sobretudo. Bem-haja!

O Natal fala-nos da verdade libertadora. Por isso, chamo caminho do Natal à história feita de palavras, gestos e vida que faz as pessoas verdadeiramente felizes, à medida que as liberta dos seus males que têm muitos nomes. Não está aqui a justificação do nascimento de Jesus no Presépio de Belém?

Não veio para libertar, salvar? Que fez Ele ao longo da Sua História? Como é possível celebrar o Natal fora da Verdade?

Encerrámos também o ano escolar da Alfabetização, em nossa Casa. Cerca de cinquenta mulheres, muitas delas com seus filhos de peito, frequentam as aulas ao longo do ano. Um pequenino grupo fez o exame da quarta-classe e passou. A maior parte ficou nas outras classes. Quem nos dera fossem muitas mais! Não desanimamos, por isso. Tudo à nossa custa. O analfabetismo, em Angola, é uma montanha muito alta. Também nós queremos ajudar a vencê-la. Estais connosco!

Uma enorme aflição nos consome, nesta hora. O gerador que punha a nossa Casa cheia de vida, durante o ano em que a energia eléctrica foi um problema muito grave, avariou sem possibilidade de conserto. Um novo custa-nos algumas dezenas de milhares de dólares. Também isto é caminho de Natal, pois aviva em nós a esperança de uma solução.

Votos de um Natal em Paz e Alegria!

Padre Manuel António